

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	CÓDIGO DA FICHA					
	RJ	02	03	04	FC	09
	UF	BEM	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

BEM INVENTARIADO	Jongo
LOCALIDADES	Bracuí, Mambucaba e Morro do Carmo
MUNICÍPIO / UF	Angra dos Reis/ RJ

2. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO (ENTREVISTAS GRAVADAS, VÍDEOS, QUESTIONÁRIOS...)

GRAVAÇÕES SONORAS E VISUAIS	Gravação de entrevistas em nove fitas de áudio. Registro fotográfico. Entrevista com diversos jongueiros: Tia Luiza e Seu Carmo (Morro do Carmo), Lecir e Seu Sebastião (Mambucaba), Seu José Adriano (Bracuí) e Dêlcio Bernardo.	
QUESTIONÁRIOS	-	

3. DESCRIÇÃO DO BEM EM SEU CONTEXTO**CONTEXTO GERAL**

O Inventário do Jongo em Angra dos Reis/RJ ocorreu nas seguintes localidades: Morro do Carmo, localizado no centro de Angra dos Reis; Mambucaba e Bracuí, comunidades situadas à margem da BR-101.

Hoje em dia, o universo no qual os jongueiros de Angra estão inseridos sofreu muitas transformações. No Morro do Carmo, eles não têm espaço para dançar o jongo; já Mambucaba possui um terreno onde as pessoas podem dançar jongo da mesma forma como aprenderam e gostam de dançar. Assim como em Bracuí, onde o envolvimento familiar e de vizinhos permite que a tradição esteja avivada.

Além de mudanças no espaço físico, a morte da maioria dos jongueiros mais antigos contribuiu para a decadência do jongo na região. A causa dessas mortes está ligada ao alcoolismo, problema observado em ambos os sexos. Os jongueiros mais idosos estão com sérios problemas de saúde e impossibilitados de dançar. Essas questões apresentadas acarretam o enfraquecimento da prática do jongo.

Outro fator não menos importante é a quantidade significativa de jongueiros que se converteram e entraram para igrejas protestantes.

A forma encontrada pelo Movimento de Consciência Negra Ylá-Dudu para não deixar o jongo morrer é usar a capoeira como chamariz capaz de atrair os jovens para o jongo. Há certa resistência devido ao fato de algumas pessoas associarem o jongo à macumba. Embora seja uma tarefa árdua, o número de descendentes de jongueiros dançando jongo vem crescendo significativamente.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)**RJ****02****03****04****FC****09****TENSÕES E CONFLITOS**

Tensões e conflitos no jongo de Angra estão presentes a todo instante. Apresentaremos dois casos específicos.

O primeiro ocorre com Alcione (neta de Seu Carmo e a pessoa que cuida dele o dia inteiro). Ela disse que gostava de olhar o jongo, mas sentia vergonha de dançar, pois achava o jongo parecido com a macumba. Contou que, por diversas vezes, brigava com a avó quando esta cantarolava folias e pontos de jongo. Caso semelhante ocorre com todos os outros jovens dessas comunidades: a vergonha e o desconhecimento da tradição impedem que conheçam o jongo que se fazia em Angra.

Outra fonte de tensões é o caso das pessoas que se convertem às religiões evangélicas. Duas filhas de Tia Luiza não dançam o jongo por serem protestantes. Maria do Carmo de Campos, conhecida pelo apelido de Cacaia, de 56 anos de idade, converteu-se há cinco anos. Pertencendo à igreja, ela não pode repassar para seus descendentes o que aprendeu sobre o jongo. Embora tenha realizado uma demonstração de como dançava o jongo, o pastor de sua igreja reprova aquele tipo de atitude. Donária, outra filha de Tia Luiza, foi jongueira antes de começar a freqüentar, há 10 anos, uma igreja protestante. Diferentemente de Cacaia, ela não admite nem mesmo dançar ou falar de jongo.

PESSOAS IMPORTANTES

1. **Délcio Bernardo** é membro de uma família tradicional de jongueiros. Dentre os parentes mais citados estão seu irmão **Rosalvo Bernardo**, residindo juntamente com a família na localidade de Bracuí, e sua tia **Maria Luiza do Rosário**, conhecida por todos no Morro do Carmo como Tia Luiza. Além de jongueiro, Délcio é integrante do Movimento de Consciência Negra Ylá-Dudu e funcionário do Ateneu, instituição privada que funciona com verbas da Eletronuclear. Délcio desempenha papel fundamental na revitalização do jongo em Angra: articula com os jongueiros a realização das rodas e os eventos de apresentação do grupo em encontros como o de Guaratinguetá (VIII Encontro de Jongueiros, realizado no período de 21 a 22 de novembro de 2003), consegue verba para a confecção de indumentária e deslocamento.

2. **Maria Luiza do Rosário** nasceu em 2 de dezembro de 1927, tem hoje 76 anos e vários problemas de saúde impedem-na de dançar. A jongueira passou por dois derrames e sofreu uma queda que complicou ainda mais seu deslocamento. Segundo relato da própria: “não estou mais aproveitando nada na vida. Já aproveitei... mas hoje está difícil. Se eu não passasse mal como eu tenho passado, ah, minha filha, dizia: eu tô aí com vocês até amanhã”. Maria Luiza dançava desde os quatro anos de idade. No seu tempo, os mais velhos faziam as rodas e as crianças ficavam em volta, esperando pela oportunidade de serem inseridas na dança; era preciso muito respeito para com os mais velhos, não era permitido de forma alguma desrespeitá-los.

3. **Carmo Morais** é ex-combatente da 2ª Guerra Mundial e jongueiro reconhecido pela comunidade do Morro do Carmo. Segundo Seu Carmo, ele e sua família realizavam diversas danças em sua casa: além do jongo, organizava folias-de-reis, forró, quadrilhas, entre outras. O jongueiro, assim como tia Luiza, não sai mais de casa, impedido de andar sozinho pela catarata (vê apenas vultos). Em alguns momentos, demonstra certa frustração em ter que depender de terceiros para sair de casa. Outro fato que também o angustia é o de não poder dançar mais o jongo: “Então vocês sabem de uma coisa, a doença se torna uma prisão, aquilo que a gente quer fazer, não pode fazer, porque ela não deixa”.

4. **Lecir** é uma das filhas de seu **Sebastião do Nascimento** e ambos residem em Mambucaba. É integrante do mesmo movimento do qual Délcio faz parte. Seu papel na comunidade é semelhante ao de um presidente de associação de moradores. Vem de família tradicional de jongueiros. De todos os seus parentes, os que mais dançavam jongo eram seu pai, sua avó (Julia Maria da Conceição), sua tia Dolores e seu tio Licino.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	03	04	FC	09
------------------------------------	----	----	----	----	----	----

5. **Sebastião do Nascimento** (primo de Délcio), conhecido pelo apelido de Condongo, teve 11 filhos, oito mulheres e três homens; apenas seu filho Lecir e sua neta Janine (filha deste) gostam de dançar jongo. Isso parece deixá-lo triste, pois a primeira queixa relatada por ele é o fato de que os filhos não gostam nem mesmo de ouvir suas histórias sobre o jongo, e que é mais ouvido por pessoas desconhecidas. Seu Sebastião aprendeu a dançar jongo com seu pai, seus tios e com Benedito Cruz (tio de Délcio). Segundo ele, essas foram algumas pessoas importantes que lhe permitiram conhecer um pouco do universo do jongo. Fala do jongo como algo pelo qual se deve ter respeito: para se chegar próximo a uma roda de jongo, é preciso esperar o momento certo em que os mais velhos chamariam a participar da dança, e o momento de poder tocar o tambor. Diz que “o jongo é uma coisa muito bonita; só quem não sabe o que é o jongo é quem nunca viu; o jongo é uma coisa que mexe. Pra mim hoje, o jongo, ele mexe até com o sentimento assim, com aquela saudade, com aquela coisa do passado. Porque hoje a gente vê, se a gente for dançar um jongo hoje, se a gente for parar pra pensar o que foi o jongo há uns 50 anos atrás, a gente não sabe se dança, não sabe se chora, né? Porque hoje você não tem um jongueiro mais, entendeu?”.

6. **José Adriano da Silva** tem 80 anos, nasceu e sempre viveu no Bracuí. É casado com dona **Clotilde**, filha de dona **Maria Romão** (jongueira vista pela comunidade como ícone do jongo e que infelizmente faleceu no dia 16/12/2003). Ele teve 14 filhos, entre homens e mulheres. Diferentemente da família de seu Sebastião de Mambucaba, sua família inteira dança jongo, inclusive seus netos. Dentre seus filhos, quem mais se destaca para o jongo são **Celina** (que atualmente está impedida de dançar por problemas nas pernas) e **Luciana** (primeira mulher na comunidade jongueira de Angra dos Reis a tocar tambor). O jongueiro aprendeu a dançar o jongo com seus pais, Seu **Adriano Martins da Silva** e dona **Madalena da Conceição**. Dos seis filhos que seus pais tiveram, somente ele aprendeu a dançar, o que atribui ao fato de as pessoas associarem o jongo com a macumba. Seu José Adriano aprendeu a dançar jongo quando tinha entre 18 e 20 anos de idade, e diz que mesmo assim ainda sabe pouco. Ele, que não sabe o significado de “abrir uma roda”, diz que mais faz por tradição: “Pra abrir aquilo ali eu não sei, eu não sei abrir, eu só canto aquilo porque eu aprendi, que eu vi os outros cantando”.

QUESTÕES RELEVANTES

1. Seu Carmo Morais – Morro do Carmo

Um dos objetivos de seu Carmo, se estivesse bem de saúde, seria: “Se eu estivesse bom, eu ia mudar o jongo, ia fazer um jongo valsado. Tipo como uma valsa, sabe como que é? Um balanço, a gente ia dançar o jongo em balanço, era capaz até de eu botar instrumento de corda pra poder dar mais força, eu ia fazer isso tudo, não deu pra mim chegar aí. Mais lento, assim um ponto valsado, sabe como é, né? Um ponto valsado, com passada, né? Não era assim puladinho, porque o jongo é puladinho. É quase assim um jeito de candomblé, que faz com as mãos assim, né? Não, mas o jongo tem uma parte aí também, e tem outra parte que é católica de igreja também, tem uma porção de mistério aí.

2. Seu José Adriano – Bracuí

Seu José Adriano está atento às questões políticas e consciente dos direitos do cidadão quando elege um candidato a cargo público. Cantou três pontos de jongo que retratam bem o quadro político brasileiro e evidenciam sua habilidade na criação de pontos: 1. *Ninguém me apanha, ô gente, ninguém me apanha, quando chega as eleições aparece o sem-vergonha.* 2. *Eu tenho o meu sangue não corre, não circula, ô gente, por caridade vamo experimentar o Lula.* 3. *Eu falei, ninguém não me escutou, gente quando precisa cadê os vereador.*

3. Seu Sebastião – Mambucaba

Seu Sebastião deu vários exemplos dos diálogos travados entre jongueiros na roda, por meio dos pontos. Sua sogra, insatisfeita com o casamento de seu Sebastião com sua filha, cantou o seguinte ponto: “*você sabe que pinica, dói, pra que você pinicou*”, entendeu? Quer dizer, eu era inocente, eu tava só batendo cajengue com o meu pai ali, e aí o pessoal abafou aquilo ali, ih, minha filha, deu um ibope depois... E eu tô vendo o meu tio discutir com ela: ‘não faz assim com o rapaz, o rapaz não sabe o quê que é isso, o quê que é isso’, entendeu? E eu... Aquilo ali pra mim era festa, eu ajudava, dava aquela maior força, e ela falando comigo, a malvada da minha sogra, ela queria dizer: se eu não podia casar, pra quê que eu casei, entendeu? Com aquela linguagem assim... o jongueiro... aí depois eles pararam o bumbo entre eles lá... Finado Julio Maria, que era meu tio, tio dele [do Délcio], começaram a discutir que não podia ter feito aquilo comigo, pra que fazer aquilo ali e ele já botou outro ponto de jongo me desamarrando, se não eu ficava amarrado a noite inteira naquilo... Ah, minha filha, o outro ponto que ele colocou eu não [lembro], faz muito tempo que passou, eu só me lembro dela porque foi aonde ela fez essa maldade toda, né!” Observe-se que Seu Sebastião refere-se ao instrumento que estava tocando como “cajengue”, termo que pode estar relacionado com quinjengue, o tambor em forma de cálice usado no batuque do interior do Estado de São Paulo.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	03	04	FC	09
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

FORMAS E PRÁTICAS

1. Seu Carmo Moraes – Morro do Carmo

O jongueiro Carmo Moraes diz que feitiços e mistérios relacionados à roda de jongo não existiam no jongo, mas sim na macumba. Antes de entrar em uma roda de jongo, fazia pedidos a Nossa Senhora Aparecida – sua santa de devoção. Contaram-lhe que, em uma determinada roda, um homem zombou de uma jongueira velha. Esta, para não dar na vista, deu uma rodada de saia e falou para si mesma um ponto que deixou o homem de quatro e comendo capim como um animal. O homem só voltou ao normal depois que a jongueira desfez o feitiço, andando dentro da roda, traçando uma cruz com outra jongueira.

Relembrando os tempos em que fazia jongo junto com tia Luiza, seu Carmo falou não somente de sua amizade com a jongueira, como também relatou os conselhos que esta lhe dava por intermédio de pontos de jongo: “aí eu cheguei e parei o tambor, eu disse: dona Luiza, posso cantar? Ela disse: o senhor quem sabe, se quiser cantar pode. Aí eu fui e botei um ponto de jongo pra ela: *“Oh, iaiá, oh, iaiá. A fruta quando é mucha, o canário chega e chora”*. Aí ela foi e disse assim: eu ainda não tô mucha não. Ainda não tô mucha não. Eu disse: não, dona Luiza, eu botei esse ponto, mas não tô mexendo com a senhora não. Aí ela se dava muito comigo, ela cantava muito comigo, ela gostava de cantar jongo comigo.

2. Seu José Adriano - Bracuí

Segundo Seu José Adriano, as bebidas e os instrumentos musicais utilizados eram outros, ele chama atenção para o antigo processo de preparação do primeiro e de confecção do segundo: “Eles fazia aquele tambor de madeira, né? Porque era feito de madeira, hoje em dia é um tambor de aperto, antigamente não. Antigamente era feito um cerco de madeira e encourado com couro de bicho: catete, queixada, veado. O sujeito esquentava no fogo, fazia uma fogueira, porque toda vida existiu a fogueira. Ele fazia mucumbo, mucumbo que era a bebida dele. Mucumbo é feito do caldo de cana, mói a cana, cõa aquele caldo, bota ele justamente numa vasilha que dá pra cumular, aí justamente deixa ali azedar porque aquele ali vai aquele formento [fermento]”.

4. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Carla Ramos, Cléo Vieira e Rita Gama		
REVISADO POR	Letícia Dias		
PREENCHIDO POR	Cléo Vieira	DATA	
COORDENADORA DO INVENTÁRIO	Letícia Vianna	19/04/2004	